

MAIOR PATAMAR DESDE 2015

Fila para obter Bolsa Família já tem 500 mil inscritos

Média mensal de concessões do benefício cai de 260 mil para 5.667, e a espera passa de 6 meses

Em apenas um ano, a fila de espera para receber o Bolsa Família saltou de zero para 494.229 famílias, o maior patamar desde 2015, informam **PEDRO CAPETTI** e **ELISA MARTINS**. Os dados, obtidos pela Lei de Acesso à Informação, mostram que o ritmo de concessão de benefícios, que até

maio de 2019 estava em torno de 260 mil bolsas ao mês, hoje é de 5.667. O tempo de espera das famílias, que era de 45 dias, já passa de seis meses. Segundo o Ministério da Cidadania, a situação ocorre por questões orçamentárias, combate a fraudes e uma reformulação do programa. **PÁGINA 13**

BOLSA FAMÍLIA

FILA DE ESPERA DE 500 MIL

Média mensal de concessão desaba de 260 mil a 5.600

PEDRO CAPETTI E ELISA MARTINS
economia@oglobo.com.br
RIO E SÃO PAULO

Em apenas um ano, o programa Bolsa Família voltou a enfrentar um antigo problema. Desde junho, a fila de pessoas aguardando pelo benefício saltou de zero, patamar que se encontrava desde 2018, para 494.229 famílias. A espera é a maior desde 2015, quando mais de 1,2 milhão de famílias aguardavam o auxílio. São famílias cujo perfil de renda é compatível com programa e já estão cadastradas — mas continuam na miséria e sem a ajuda de R\$ 89 por pessoa.

Os dados foram obtidos pelo GLOBO por meio da Lei de Acesso à Informação, após quatro meses de demanda com o Ministério da Cidadania, que só liberou a informação após determinação da Controladoria-Geral da União (CGU).

Entre janeiro de 2018 e maio de 2019, a média mensal de novos benefícios concedidos era de 261.429. Desde junho, esse número caiu drasticamente, e hoje esse número está em 5.667. Em nota, o Ministério da Cidadania afirma que a redução de benefícios se deu por ques-

tões orçamentárias e combate a fraudes, e cita ainda uma reformulação do programa, em curso na Esplanada.

Essa redução fez com que a entrada de famílias, que deveria ocorrer em até 45 dias após a inclusão e análise dos dados inseridos, passasse a até mais de seis meses, segundo técnicos que trabalham nesse setor.

13 MILHÕES DE MISERÁVEIS

A volta da fila no principal programa de erradicação da pobreza do país é fruto do enxugamento dos beneficiários no primeiro ano do governo Jair Bolsonaro, período em que o Bolsa Família chegou a atingir o maior número de assistidos desde 2004, quando foi criado. Em maio, 14,2 milhões de famílias recebiam um rendimento médio de R\$ 190. Desde então, apesar de no ano passado o governo ter concedido o 13º salário, o programa vem encolhendo mês a mês, tendo atingido em dezembro o menor patamar de famílias beneficiárias desde 2011: 13,1 milhões.

Em julho do ano passado, a cuidadora de idosos Marlene de Almeida, de 46 anos, deu entrada no programa, devido à demora em encontrar um trabalho fixo. Desde julho de 2018, quando seu patrão mor-

reu, ela busca uma nova colocação, fazendo bicos para complementar a renda na casa em que mora com a filha de 7 anos e o marido, ajudante geral em um bar. Mesmo sem receber a carta, ela foi na semana passada ao Centro de Referên-

cia de Assistência Social (Cras), no Centro de São Paulo, atrás de informação:

— Se não mandaram carta, não tem jeito. Mas achei que teria direito (ao Bolsa Família). Conheço gente que recebe. Somos de baixa renda.

Temos filha, e ela estuda.

Sem recursos, a saída de muitos é contar com a ajuda e solidariedade dos vizinhos, como Yasmin Pereira, de 19 anos, moradora do Complexo da Maré, no Rio. Mãe de uma menina de 10 meses e de um

garoto de 3 anos, ela se viu forçada a pedir ajuda em roupas e alimentos, distribuir currículos e ir ao Cras semanalmente em busca de uma resposta a seu pedido, feito em julho.

— Estou morando de favor. Minha vida é ir juntando R\$

10, R\$ 20, R\$ 30 para conseguir dar comida para as crianças. Não posso deixar eles com fome. Se não fosse o apoio dos vizinhos, não sei o que seria de mim — lamenta.

O ressurgimento da fila ocorre em um momento crítico no combate à pobreza. Em 2018, o número de miseráveis (considerados aqueles que vivem com menos de R\$ 145 por mês) bateu recorde: 13,5 milhões, segundo o IBGE. Somente durante a crise econômica, mais de 4,5 milhões de brasileiros foram empurrados para essa situação, um aumento de 50% em quatro anos.

— Na crise, seis milhões de pessoas passaram a viver com renda de trabalho zero. E o Brasil encurtou a rede de proteção quando ela era mais necessária — afirma **Marcelo Neri, diretor do FGV Social.**

Ex-usuário de drogas em reabilitação em uma clínica em Japeri, na Região Metropolitana do Rio, Alexander Garcia, de 24 anos, enfrentava a fila no Cras em Bonsucesso, na Zona Norte, em busca do benefício para arcar com parte dos remédios do tratamento, um gasto em torno de R\$ 900 por mês, hoje pagos com ajuda de sua mãe.

— O benefício é pouco, mas é a chance de comprar os meus remédios e conseguir mais uma vitória nesse tratamento — diz Garcia.

PERDA DO PODER DE COMPRA
A dificuldade de entrar no

programa não se restringe aos novos beneficiários. Quem saiu não tem conseguido retornar. Desde junho, nenhum ex-beneficiário obteve nova concessão do Bolsa Família. Para efeito de comparação, entre 2015 e 2018, período mais rigoroso da recessão, mais de 2,2 milhões de pessoas retornaram ao programa.

Para quem já recebe, há o problema da queda no poder de compra, corroído pela inflação. Desde 2018, o benefício está em R\$ 89, pois, diferentemente de outros programas do governo, o Bolsa Família não tem reajuste automático, pois não está indexado à inflação.

Hoje, a limitação orçamentária de R\$ 30 bilhões — o mesmo valor de 2019 — não permite mudança de cenário a curto prazo, por causa do teto de gastos. Tanto um reajuste quanto um novo 13º, que não está garantido, estão fora dessa previsão. Estuda-se conceder um “bônus” financeiro aos estudantes aprovados com média mínima de 7. Mas hoje não há um sistema nacional que monitore as notas escolares.

‘Teremos que esperar uns três meses, e mais um para chegar o cartão’



No Brasil há cinco meses, a venezuelana Leusmirys Carolina trocou Manaus por São Paulo em busca de trabalho. Com o marido e dois filhos, pediu o Bolsa Família na semana passada. Mas terá de aguardar: “Disseram que teremos que esperar uns três meses, e mais um para chegar o cartão”

‘Se o Bolsa não vier, vou ter que dar meus filhos para os outros’



O medo de ver os filhos, de 7 anos e 11 meses, passando fome atormenta Karem Bonfim, de 23 anos, há seis meses. Sem renda e vivendo de ajuda, ela se desdobra para colocar comida em casa. “Se o Bolsa não vier, vou ter que dar meus filhos para os outros. Eles não podem passar fome”